



TRADICIONAL

Industria Brasileira - Químico Resp. C.R.Q. 0061/75
Composição: Parafina, Pávio de Algodão, Anilina
Validade Indeterminada - Tel.: (071) 825.1904

Rua Paul Selixas, 2
Fátima - Brasil
Contém 8 velas
Peso: 1 kg

Industria Brasileira - Químico Resp. C.R.Q. 0061/75
Composição: Parafina, Pávio de Algodão, Anilina
Validade Indeterminada - Tel.: (071) 825.1904

DURBY
7890-0482

KULTIVE
MOÇA
TRADICIONAL

SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Aurelino

Às Margens Urbanas
Urban Margins

03 fevereiro a 12 março 2022
february 03 to march 12 2022

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada.
Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment.
Schedule your visit by website or phone.

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil

info@simoesdeassis.com
+55 11 3063-3394

Existem artistas que escapam pelas frestas da história, ou que são “escapados”, como bem se sabe. Mas, há vezes em que os esforços de reescrita e reconhecimento são capazes de reparar as profundas lacunas causadas pelos apagamentos e esquecimentos. A mostra “Aurelino: Às Margens Urbanas” faz parte deste empenho de resgate, apresentando uma seleção de obras que cobrem quase 40 anos da carreira do artista baiano. Vivendo na periferia de Salvador por toda sua vida, começou a pintar ainda na década de 1960, e conviveu com importantes nomes da cena artística da época, como Agnaldo Santos, Mário Cravo Neto – a quem chegou a auxiliar em seu ateliê – e Lina Bo Bardi – diretora do MAM da Bahia, que muito o encorajou.

Com toda uma mística em torno do artista – que é esquizofrênico, nunca aprendeu a ler e a escrever (salvo sua assinatura grafada nas telas que produz), sempre viveu às margens da cidade e da sociedade e às voltas com o alcoolismo e o tabagismo –, sua produção esteve frequentemente associada a uma ideia de arte naïf, ou popular, e parte de seu reconhecimento se deu pela aura de excentricidade de sua figura. No entanto, há mais em Aurelino do que apenas a improbabilidade do fazer artístico nessas circunstâncias, ou a curiosidade sobre uma trajetória insólita. No decorrer de tantos anos de pintura, é possível reconhecer uma dedicação exaustiva à prática, que excede qualquer diletantismo ou acaso. Assim como grandes nomes da história da arte, há em Aurelino uma pulsão criativa tão intensa que o embala apesar das vicissitudes de uma vida precária, móvel e instável, tornando-se o motor vital para uma contínua e sucessiva reinvenção de temas, traços, figuras, cores e texturas.

É importante notar, aliás, que talvez seu atributo mais marcante e peculiar seja sua capacidade de reinventar-se sem perder uma identidade singular.

São muito especiais as obras de figuras marcadas por contornos brancos, negativos, como se brotassem do fundo apenas em volumes de cor. Em outro conjunto, o oposto se materializa em espessas linhas pretas ortogonais que estruturam a composição, delimitam campos e dão ritmo às formas. Há ainda peças que se desenham por um acúmulo de finas linhas coloridas, repetidas em hachuras de diferentes configurações, mais densas e abstratas. Por fim, alguns trabalhos do início dos anos 2000 destacam-se por um uso de cores mais vibrantes e saturadas, de massas ora geométricas, ora sinuosas, que recobrem a totalidade da superfície sem respiro ou intervalo.

Seus temas também são igualmente variados, mas a cidade é sua grande protagonista. Em diversos trabalhos vemos uma variedade de planos do tecido urbano que são achatados e amontoados no campo bidimensional, evocando a estilização da geometria do casario das obras maduras de Volpi. Imagens de pontes, avenidas, viadutos, torres, prédios e casas se confundem ora com veículos de transporte (ônibus, carros, e às vezes até embarcações), ora com cabeças e membros de corpos recompilados ou animais estranhos, em arranjos ora mais figurativos, ora mais abstratos. As formas são empilhadas e articuladas em sucessões irreais e angulações estranhas que sugerem uma topografia irreal, imaginada, desdobrada sobre si mesma e esquematizada como uma cartografia fantástica. Na verdade, esse mapeamento decorre das andanças do artista por Salvador, que apreende nas ruas, construções e transeuntes as cenas quiméricas que transpõe para suas pinturas. Na obra de Aurelino, convivem em harmonia que é o concreto e o que é fantástico, o que é estável e o que é mutável, o que se descobre e o que se reinventa, num corpo de trabalho no qual ainda há muito para se explorar.



There are artists who escape through the cracks of history, or who are “escaped”, as we all know. But there are times when efforts to rewrite and recognize these losses are able to repair the deep gaps caused by erasure and neglect. The exhibition “Aurelino: À Margens Urbanas” (Aurelino: Urban Margins) is part of this effort to rescue important names from obscurity, presenting a selection of works that cover almost 40 years of the artist’s career. Living on the outskirts of Salvador, he began to paint in the 1960s, and got to know with important figures in the art scene of the time, such as Agnaldo Santos, Mário Cravo Neto – whom he assisted in his studio – and Lina Bo Bardi – director of the MAM in Bahia, who greatly encouraged him.

With a whole mystique surrounding the artist – who is schizophrenic, never learned to read or write (except for his signature drawn on the canvases he produces), has lived on the outskirts of the city and the fringes of society, and grappled with alcoholism and smoking –, his production was often associated with an idea of naïve or folk art, and part of his recognition was due to the aura of eccentricity surrounding him. However, there is more to Aurelino than just the improbability of discovering artistic talent under these circumstances, or the curiosity about such unusual trajectory. In the course of so many years of painting, it is possible to recognize an exhaustive dedication to the practice, which exceeds any dilettantism or random chance. Like great names in art history, Aurelino has such an intense creative drive that it propels him despite the vicissitudes of a precarious, mobile and unstable life, becoming the vital engine for a continuous and successive reinvention of themes, traits, figures, colors and textures.

It is important to note, moreover, that perhaps his most striking and peculiar attribute is his ability to reinvent himself without losing his particular singular identity.

The works with shapes marked by white, negative contours are very special, constructed as if the images simply sprouted from the background in volumes of color. In other pieces, the opposite is materialized through thick black orthogonal lines that structure the composition, delimit fields and give rhythm to the forms. And there are the one defined by an accumulation of fine colored lines, repeated in dense hatches of different configurations, more abstract. Finally, some works from the early 2000s stand out for their use of more vibrant and saturated colors, in sometimes geometric, sometimes sinuous masses, which cover the entire surface with no respite.

Aurelino’s themes are also equally varied, but the city is his main protagonist. We can see in several works a variety of planes of the urban fabric that are flattened and piled up into the two-dimensional field of the canvas, evoking the stylization of the geometry of Volpi’s mature works. Images of bridges, avenues, overpasses, towers, buildings and houses are sometimes confused with transport vehicles (buses, cars, and even boats), sometimes with heads and limbs of reassembled bodies or strange animals, in either more figurative arrangements, or more abstract ones. The forms are stacked and articulated in unreal successions and strange angulations that suggest an imagined topography, which unfolds on itself and is schematized as a fantastic cartography. In fact, this mapping stems from the artist’s wanderings through Salvador, apprehending the city’s chimerical scenes and characters and then transposing them into his paintings. In Aurelino’s work, the concrete and the fantastic, the stable and the changeable, the unknown and the reinvented all coexist in harmony, in an oeuvre in which there is still much more to explore.





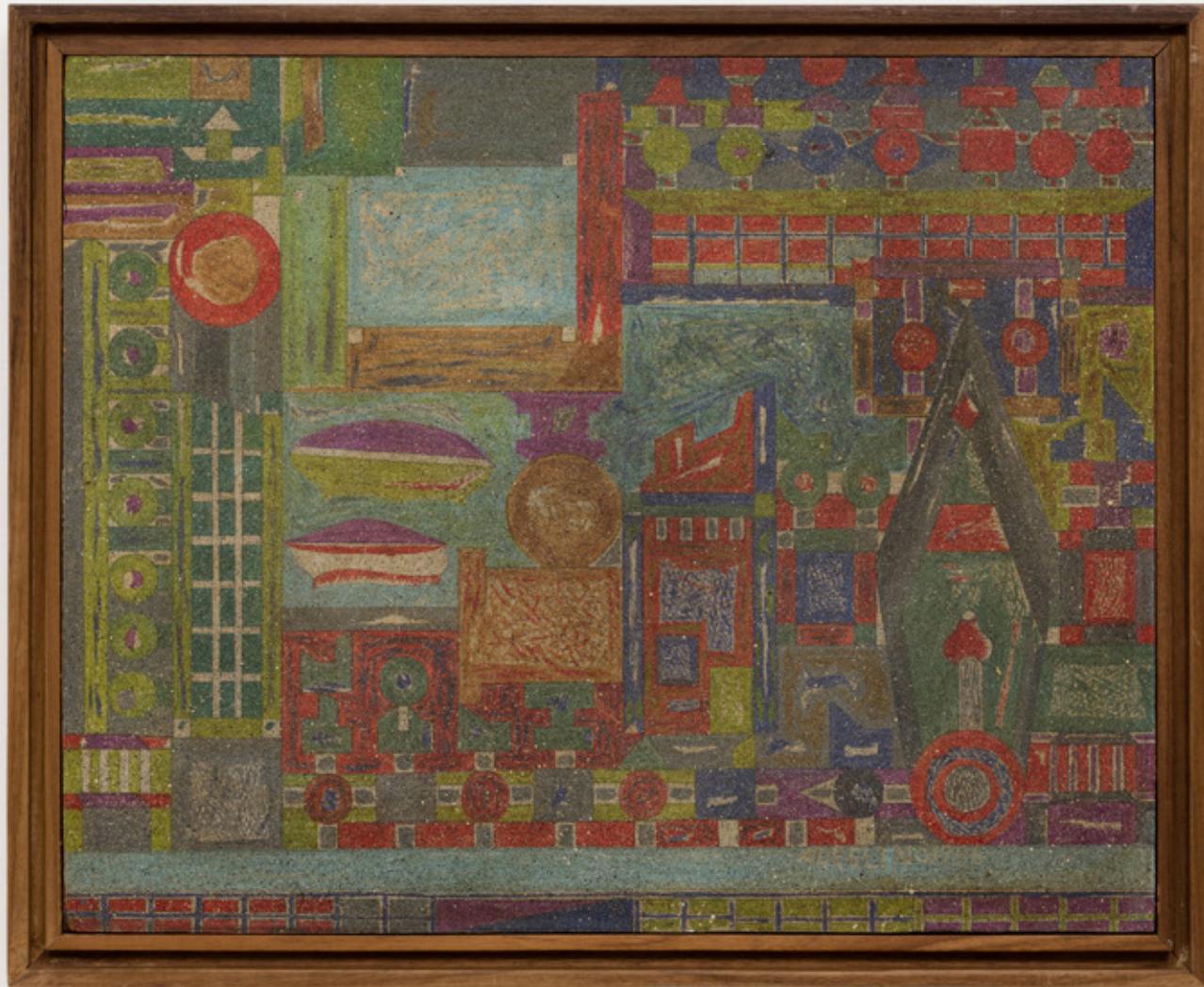
Aurelino
Sem Título, 1992
acrílica sobre tela
85 x 70 cm
acrylic on canvas
33 ²/₅ x 27 ⁵/₈ in





Aurelino
Sem Título, 1990
óleo sobre tela
68 x 41 cm
oil on canvas
26 ⁷/₉ x 16 ¹/₂ in





Aurelino
Sem Título, 1994
óleo sobre tela
50 x 60 cm
oil on canvas
19 1¹/₁₆ x 23 5⁸/₁₆ in





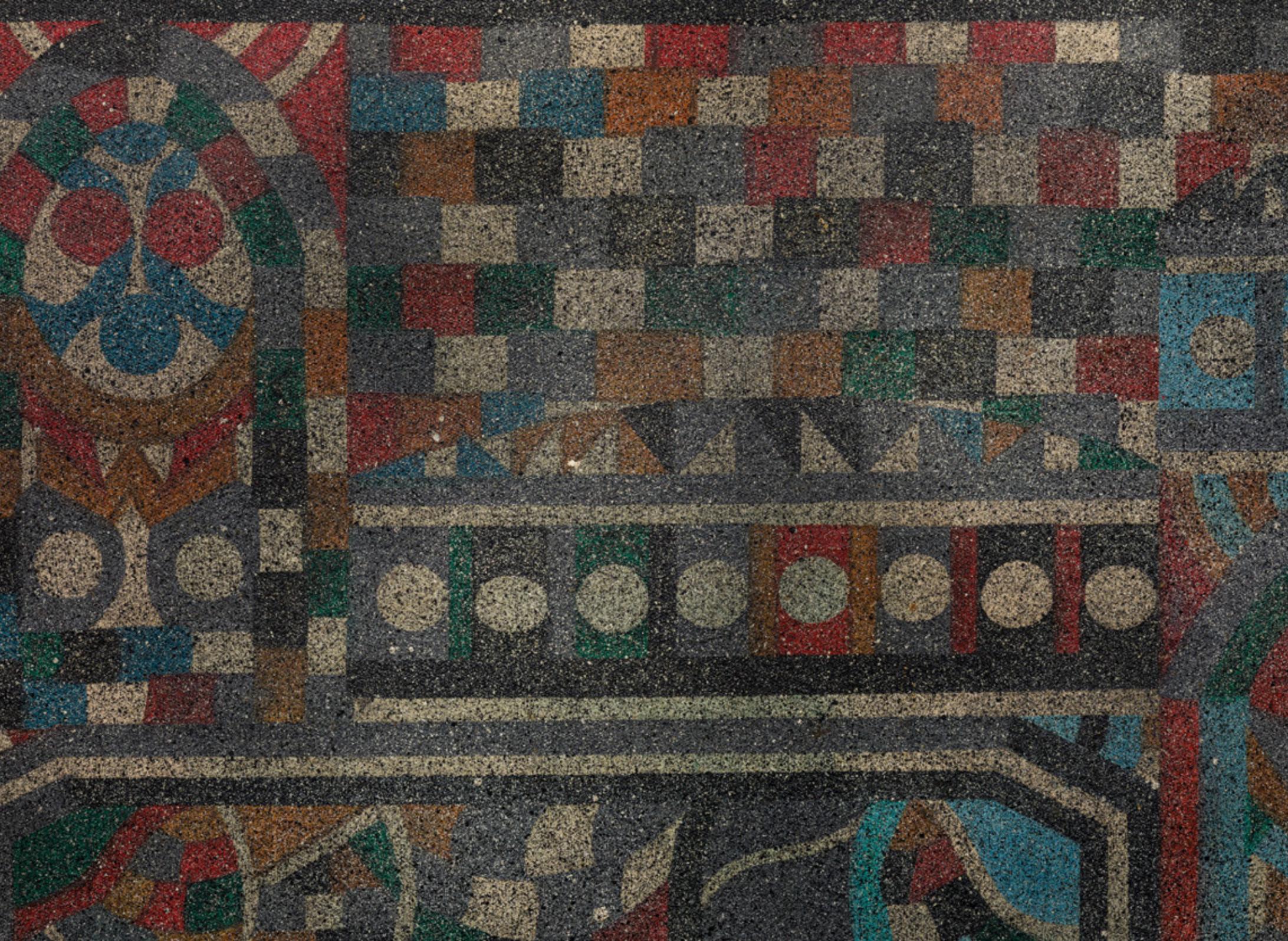
Aurelino
Sem Título, 1992
óleo sobre tela
50 x 60 cm
oil on canvas
19 1/16 x 23 5/8 in



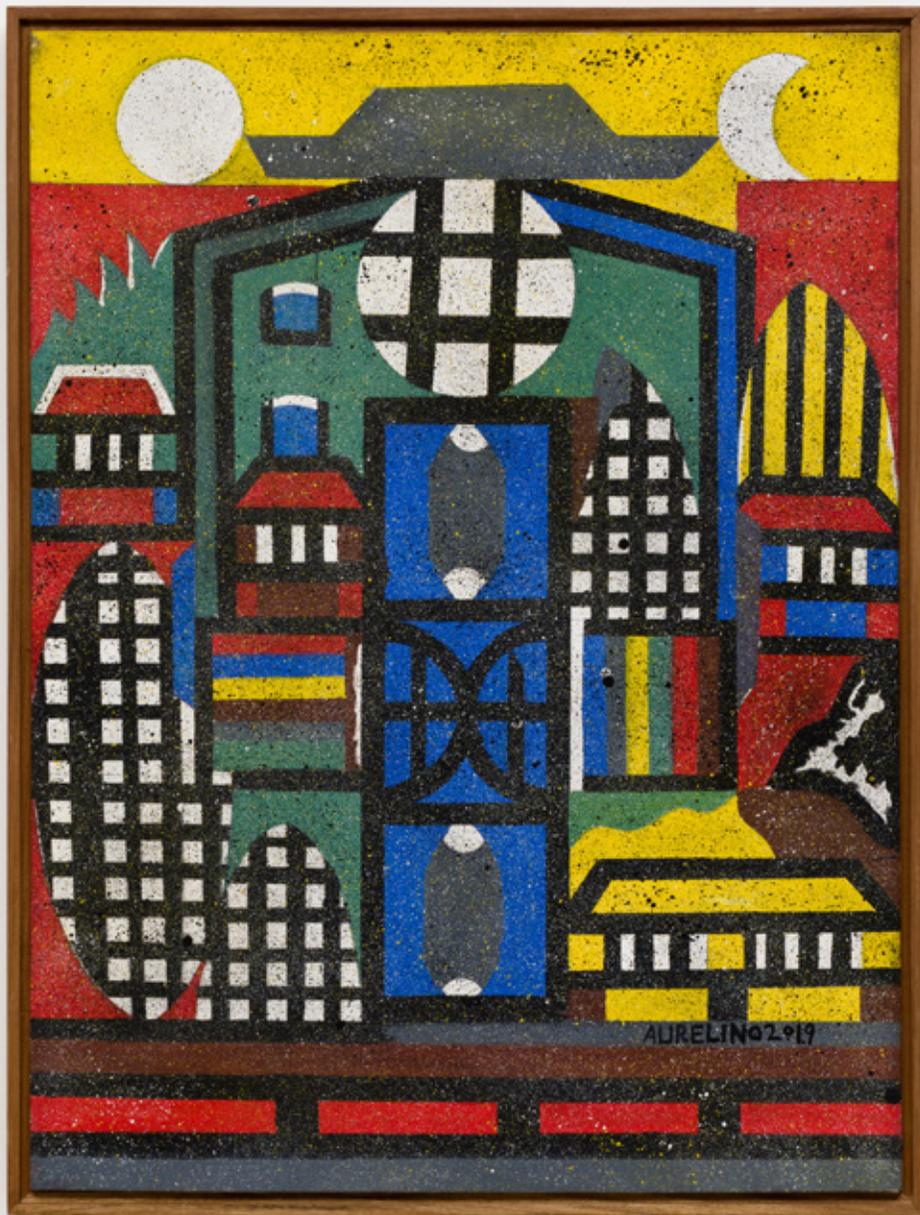
Aurelino
Sem Título, 1992
óleo sobre tela
100 x 78 cm
oil on canvas
39 ³/₈ x 30 ⁷/₁₀ in



Aurelino
Sem Título, 1987
óleo sobre tela
30 x 40 cm
oil on canvas
11 5/8 x 15 3/4 in







Aurelino
Sem Título, 2019
óleo sobre tela
80 x 60 cm
oil on canvas
31 ½ x 23 ⅝ in



Aurelino
Sem Título, 2018
óleo sobre tela
60 x 50 cm
oil on canvas
23 5/8 x 19 5/8 in





Aurelino
Sem Título, 2014
óleo sobre tela
83,5 x 83,5 cm
oil on canvas
32 7/8 x 32 7/8 in





Aurelino
Sem Título, 1987
óleo sobre tela
35,5 x 45,5 cm
oil on canvas
13 7/8 x 17 7/8 in



Aurelino
Sem Título, 1987
óleo sobre tela
57 x 47 cm
oil on canvas
22 7/8 x 18 7/8 in



Aurelino
Sem Título, 1988
óleo sobre tela
74 x 81 cm
oil on canvas
29 1/7 x 31 5/8 in



Aurelino
Sem Título, 1988
óleo sobre tela
40 x 50 cm
oil on canvas
15 ¾ x 19 1/16 in



ALREILNO-1988

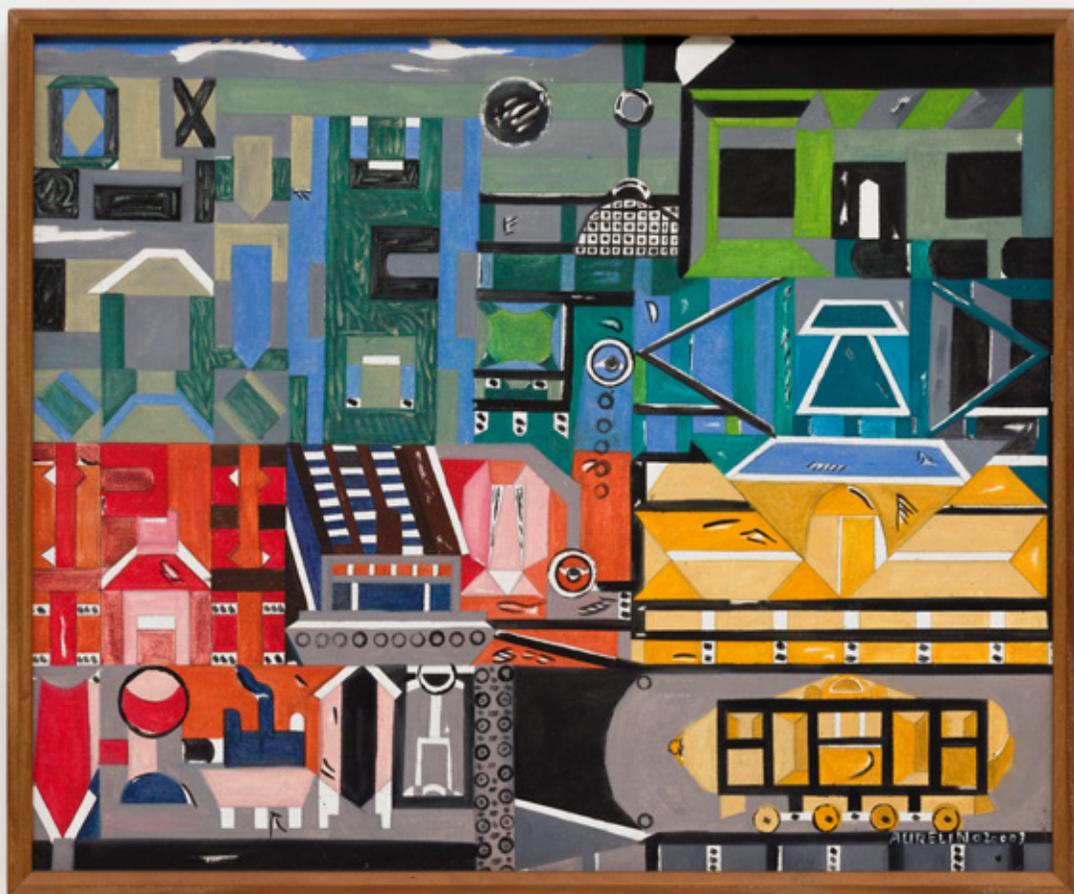




Aurelino
Sem Título, 2019
óleo sobre tela
80 x 60 cm
oil on canvas
31 1/2 x 23 5/8 in



Aurelino
Sem Título, 2003
óleo sobre tela
64 x 83 cm
oil on canvas
25 1/8 x 32 2/8 in



Aurelino
Sem Título, 2003
óleo sobre tela
68 x 83 cm
oil on canvas
26 7/8 x 32 2/3 in





Aurelino dos Santos

(1942, Bahia)

Pintor autodidata, Aurelino dos Santos aprendeu a grafar seu nome como assinatura em suas pinturas, sem nunca alfabetizar-se formalmente. Apesar da falta de formação em arte, sua produção é marcada por um profundo conhecimento de pintura, com símbolos, formas geométricas e cores cuidadosamente articuladas de forma a realizar uma explosão de texturas. Incentivado pelo escultor baiano Agnaldo Santos, seu vizinho, foi que começou a produzir seus trabalhos em 1963, quando era cobrador de ônibus. Também foi reconhecido pela arquiteta Lina Bo Bardi, então diretora do Museu de Arte Moderna da Bahia, que o retirou do anonimato.

Sua produção é constante e obsessiva, trabalha dentro da repetição infinita de temas, continuando a realizar pinturas até hoje, depois de mais de 5 décadas. Sua trajetória é singular: coesa, mas sempre em renovação, sintetizando a ambiguidade de uma vida inconstante e, ao mesmo tempo, absolutamente comprometida com um fazer artístico quase obsessivo. Aurelino viveu por muitos anos em Ondina, um bairro simples da periferia da cidade, e podia frequentemente ser visto caminhando a esmo e falando sozinho. Seu corpo de trabalho também está atrelado a uma discussão importante sobre saúde mental e arte, haja vista que Aurelino sofre de esquizofrenia e suas escolhas refletem, de alguma forma, seu estado psíquico, quase como se a tinta na tela em suas composições e proporções organizassem sua busca por estabilidade emocional. De acordo com o artista e curador Emanuel Araujo, Aurelino está à margem, tido como louco; é um sobrevivente, um homem do povo. Acerca de sua condição psíquica, não consta nenhum registro de que algum dia tenha sido tratado ou tampouco internado em instituições.

Não utiliza cavalete, realiza sua produção plástica de maneira espontânea com as telas no chão, acocorado, mesclando sinais geométricos com paisagens figurativas urbanas, com vistas de várias perspectivas ao mesmo tempo, de cima, de perfil e de frente. É um dos representantes da diáspora negra no Brasil, aliando tradição cultural e herança local. Ao ser indagado do porquê pinta, ele responde: "Porque é beleza!".

Entre suas mostras importantes estão as individuais "Aurelino dos Santos – A Letra é o que faz o mundo", no Museu de Arte Moderna da Bahia (2019); "Aurelino – A transfiguração do Real", no Museu Afro Brasil (2011); e as coletivas "Teimosia da Imaginação: Dez artistas brasileiros", no Instituto Tomie Ohtake (2012); "Histoires de Voir: Show and Tell", na Fondation Cartier, Paris, França (2012); "500 Mostra do Redescobrimento", Pavilhão da Bienal, São Paulo (2000); e "Arte e Religiosidade Afro-brasileira", Frankfurter Kunstverein, Frankfurt, Alemanha (1994).

Aurelino dos Santos

(1942, Bahia)

A self-taught painter, Aurelino dos Santos learned how to spell out his own name as a signature on his paintings, without ever formally learning to read or write. Despite the lack of training in the arts, his production is marked by a deep knowledge of painting, with symbols, geometric shapes and colors carefully articulated in order to create an explosion of textures. Encouraged by the sculptor from Bahia, Agnaldo Santos – who, at the time, was his neighbor –, he began to create his first works in 1963, while he was also holding a job as a bus fare collector. He was, then, also recognized by architect Lina Bo Bardi, who directed the Museu de Arte Moderna da Bahia until 1964. This recognition is what brought Aurelino out of anonymity.

After more than five decades, Aurelino continues to paint in a constant and obsessive manner, working within an infinite repetition of themes. His trajectory is unique: cohesive, but always in renewal, synthesizing the ambiguity of an inconstant life that is, at the same time, absolutely committed to an almost compulsive artistic making. Aurelino lived for many years in Ondina, a simple neighborhood on the outskirts of Salvador, and could often be seen walking around and talking to himself. His body of work is also linked to an important discussion about mental health and art, given that Aurelino suffers from schizophrenia and his choices somehow reflect his psychic state, almost as if the paint and proportions of his compositions organized his search for emotional stability. According to artist and curator Emanuel Araujo, Aurelino is usually placed on the sidelines, and is seen as crazy; but he is a survivor, a man of the people. Regarding condition, there is no record that he was ever treated or admitted to institutions.

He doesn't paint using an easel, but works in a rather spontaneous way, placing the canvases on the floor and squatting over them. He mixes geometric signs with figurative urban landscapes, with simultaneous views from different perspectives, all at once. He is one of the representatives of the black diaspora in Brazil, combining cultural tradition and local heritage. When asked why he paints, he replies: "Because it is beauty!".

Among his important exhibitions are the solo shows "Aurelino dos Santos – A Letra é o que faz o mundo", at the Museu de Arte Moderna da Bahia (2019); "Aurelino – A transfiguração do Real", at the Museu Afro Brasil (2011); and the group exhibitions "Teimosia da Imaginação: Dez artistas brasileiros", at Instituto Tomie Ohtake (2012); "Histoires de Voir: Show and Tell", at Fondation Cartier, Paris, France (2012); "500 Mostra do Redescobrimento", at the Biennial Pavilion in São Paulo (2000); and "Arte e Religiosidade Afro-brasileira", Frankfurter Kunstverein, Frankfurt, Germany (1994).



SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232 2315